

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
 revistatravessias@gmail.com

## A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA DA INFÂNCIA EM *SÓBOLOS RIOS QUE VÃO*, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

### THE REPRESENTATION OF CHILDHOOD MEMORIES IN *SÓBOLOS RIOS QUE VÃO* (ANTUNES, 2010)

Rebeca Leite Fuks<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objeto de estudo a representação da memória da infância presente no livro *Sóbolos rios que vão* (ANTUNES, 2010). Refletiremos neste artigo sobre: 1) A relação indissociável entre passado e presente; 2) Como o autor dilui todas as fronteiras (passado / presente, real / imaginário, romance / diário / autobiografia); 3) A memória fragmentada e o papel da repetição; 4) A importância dos pequenos objetos que vão sendo citados ao longo da narrativa; 5) A relação entre morte e escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sóbolos rios que vão, Memória, Infância.

**ABSTRACT:** The focus of this study is the representation of childhood memories in *Sóbolos Rios Que Vão* (ANTUNES, 2010). This paper analyzes the following: 1) The indissociable relation between the past and the present; 2) How the author dilutes all of the barriers (past/present, real/imaginary, romance / diary / autobiographical); 3) A fragmented memory and the role of repetition; 4) The importance of small objects which are cited throughout the narrative; 5) The association between death writing.

**KEYWORDS:** Sóbolos rios que vão, Memory, Childhood.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. (BENJAMIN, 1985, p.239)

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras – Literatura Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bolsista do Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduada em Letras pela PUC-RIO. E-mail: [rebecafuks@gmail.com](mailto:rebecafuks@gmail.com)

**TRAVESSIAS ED XIII****ISSN 1982-5935**  
**revistatravessias@gmail.com**

Em *Sóbolos rios que vão*, último romance publicado por António Lobo Antunes (2010), o espaço predominante da narrativa é o universo da infância (embora efetivamente o personagem principal se localize no presente em um hospital). O romance se estrutura na forma de diário ficcional e compreende quinze dias corridos entre os meses de março a abril de 2007. É fácil associar a obra à vida do próprio escritor português. António Lobo Antunes sofreu, assim como seu protagonista, um severo câncer e permaneceu internado em Lisboa justamente durante o período indicado no romance-diário. Além das datas, escritor e personagem compartilham o mesmo nome próprio (senhor Antunes e Antoninho). Isto sem contar pequenos pormenores da infância que se encontram disponíveis nas inúmeras entrevistas publicadas do autor. O personagem Virgílio, por exemplo, teria de fato existido na infância de Lobo Antunes como um condutor de carroças. Em suma, *Sóbolos rios que vão* é uma obra que apresenta indiscutivelmente vestígios autobiográficos. Embora a associação entre obra e vida pessoal do autor seja tentadora, neste momento nos parece mais interessante investigar outros aspectos da narrativa. Começaremos citando um trecho do romance:

percebeu o carrito de alumínio dos almoços no corredor do hospital com uma das rodas mais lenta e o tilintar dos pratos, em que lugar se achava e para que sítio escapar, não conseguia habituar-se ao passado que lhe davam de modo que tentou trazer a vila até si, conseguiu uma igreja mas não era a mesma igreja, nenhum cemitério junto dela nem os doentes do volfrâmio no largo, procurou sinais dos lobos e a igreja e os doentes do volfrâmio rodopiaram no ar e perdeu-os (ANTUNES, 2010, p. 128)

O trecho escolhido é bastante ilustrativo da história que *Sóbolos rios que vão* pretende contar. A partir da difícil experiência da doença, senhor Antunes convoca o menino Antoninho para trazer a tona algumas lembranças. A primeira imagem que se insinua na citação escolhida é a de um carrito de alumínio com uma das rodas quebrada. É a partir dessa imagem que se desenvolve o processo de rememoração. Lembro que, assim como o carrito, o próprio corpo do senhor Antunes apresenta uma falha. Ele se encontra no hospital, doente, sozinho e a realidade é tão dura que sua única perspectiva de saída é se voltar para o passado.

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

Mas embora voltar para o passado signifique uma espécie de alento em meio ao cotidiano doloroso, o próprio passado também representa uma dor em si mesma porque o que o personagem deseja capturar é incapturável (“conseguiu uma igreja mas não era a mesma igreja”).

Grande parte da dificuldade de leitura do livro se deve ao fato das imagens do passado se misturarem constantemente com as imagens do presente. Há uma simultaneidade temporal e espacial. Na escrita de Lobo Antunes encontramos um só tempo. Um tempo que compreende passado (ou melhor, vários passados) e presente onde as cenas se confluem. O fluxo de memória nos parece ser ao mesmo tempo um ato consciente e inconsciente. Inconsciente porque inúmeras vezes um cheiro o arrebatava ou uma imagem toma conta de seu pensamento. Algumas situações simplesmente invadem a consciência do personagem sem nenhum tipo de associação anterior. É com uma delicada sutileza que Lobo Antunes conduz o leitor e o apresenta a um tempo sem tempo. Um tempo que nunca é claro, datado, um presente ou um passado definitivo. Tudo se mistura e o senhor Antunes é uma imagem fluida, que se confunde com o Antoninho e mescla as experiências vividas quando criança com a realidade do hospital. Inclusive as vozes narrativas por vezes se alternam. Não é raro, a meio do parágrafo, por exemplo, sem nenhum aviso prévio, o avô tomar a palavra para se comunicar com o neto no hospital. Temos, sim, uma organização do livro em forma de diário ficcionalizado. No entanto, essa é efetivamente a única marcação temporal objetiva. Ana Paula Arnault ao analisar o romance afirma:

Fazendo prova de que a memória é, de facto, intrigante, confundem-se e fundem-se tempos e espaços, cheiros e cores, verdades e invenções, mortes e vidas e respirações (das coisas e das pessoas), ele e o(s) outro(s) narrador(ES) que o substitu[i](em) na sua capacidade de recordar. E nessa (con) fusão, o dono do hotel dos ingleses é o médico que lhe aponta o ouriço no fígado (ARNAULT, 2011, p. 1)

O esforço de Lobo Antunes é no sentido de diluir todas as fronteiras: de tempo, quando mescla passado(s) e presente, de campo, quando mistura cenas reais com frutos de seu

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

imaginário, e até mesmo de gêneros literários, quando produz uma obra como esta, que não é nem um romance, nem um diário, nem uma autobiografia.

É compreensível que o senhor Antunes precise voltar ao passado. Sua estadia no hospital o torna cada vez mais um ser humano que definha diante da experiência do medo da morte e da doença. No presente lemos marcas da doença, da solidão, do cancro, da dor, das alucinações, dos remédios, das macas, dos enfermeiros, do cheiro de hospital. Senhor Antunes se questiona: “Onde estão as pessoas que se interessavam por mim” (ANTUNES, 2010, p. 79).

Em oposição ao presente, na infância uma série de personagens se juntava a Antoninho, entre eles, pais, avós, tios, colegas de classe, vizinhos de rua. Citamos: “E para além da criança outros vestígios de gente” (ANTUNES, 2010, p. 114). O senhor Antunes, por sua vez, passa a maior parte do tempo no hospital absolutamente sozinho, poucas vezes recebe visitas com as quais não interage. Além destas visitas, vez ou outra um enfermeiro ou um médico aparece para cumprir obrigações hospitalares. Se por um lado a idéia de movimento marca o passado de Antoninho (imagens do comboio chegando e partindo, do gato que desaparece, das brincadeiras de rua), no presente o senhor Antunes percebe-se totalmente imobilizado pela cama do hospital. Diante da inércia que seu corpo o impõe, seu pensamento vagueia para sítios onde de fato havia vida. Em síntese, no presente do senhor Antunes a única coisa que se tem são fundamentalmente questionamentos. Perguntas como “Quem sou?” e “Como me tornei aquilo que sou?” fazem parte de uma tentativa frustrada de reconstruir uma identidade plena, una. Ou nas palavras do próprio senhor Antunes:

afinal um discurso monótono numa caligrafia esquisita, cada porção sua uma linguagem diferente e todas incompreensíveis para ele, o facto de ser muitos espantava-o, como se junta tanto frenesim num só corpo e como conseguem habitar um espaço tão pequeno (ANTUNES, 2010, p. 73)

A tentativa empreendida pelo senhor Antunes de se afirmar enquanto sujeito passa, obviamente, pela releitura de seu passado. Talvez por isso seja tão importante recordar um tempo em que tudo parecia seguro, imutável, protegido. Um tempo em que as próprias

**TRAVESSIAS ED XIII**

**ISSN 1982-5935**  
**revistatravessias@gmail.com**

peças que conviviam com o menino lhe atribuíam uma identidade. O Antoninho era aquele que gostava de ir a escola, aquele que adorava as compotas de doce da avó, aquele cujo pai levava para assistir a nascente do rio Mondego. O cotidiano do menino era inteiramente marcado pelo carinho, pela preocupação, pelo afeto. O narrador afirma: “quase todos os dias a avó no recreio da escola com um embrulhinho de nozes e maçãs e ele com receio dos colegas lhe chamarem bebê” (ANTUNES, 2010, p. 193-194).

Já no presente as dúvidas se multiplicam, como notamos a partir da passagem a seguir: “tentando unir os pedaços rezando para que se colassem e não colavam, guardar também o giz no cofre, como se lida com o passado ensinam-me e já agora como se lida com este molar que lateja” (ANTUNES, 2010, p. 58). Há neste trecho claramente uma evocação de um tempo majoritariamente feliz, a infância. O passado é aqui simbolizado através da imagem do giz. É importante pensar na significação do giz. Um giz só tem sua utilidade assegurada quando está a serviço da escrita. E, no entanto, usar o giz também significa perdê-lo porque ao escrever os farelos dissolvem-se e não há mais aquela porção de giz que havia originalmente, antes da escritura. Porém, tirar o giz do seu ambiente (o ambiente da aprendizagem, da escrita) e colocá-lo no cofre significa resguardá-lo, tira-lo de uso. Em síntese, usar o giz quer dizer perdê-lo, mas resguardá-lo quer dizer igualmente perdê-lo. Deste modo o passado obsessivo retratado por Lobo Antunes lateja porque diante dele não há saída.

É interessante investigar o papel desses pequenos objetos, como o giz, que vão sendo pinçados ao longo da narrativa com uma imensa carga de memória agregada. O leitor deve se debruçar sobre essa infinidade de pequenos objetos e refletir porque especificamente aquele objeto foi elencado para compor a história. Esse conjunto de miudezas pertence à narrativa de um modo muito mais amplo do que apenas à construção de um cenário. É como se essas pequenas relíquias estivessem tão carregadas de memória que em determinado instante elas próprias servissem como um transporte para o passado. Por trás desta permanente rememoração dos objetos do passado há um discurso sutil que sugere afetos, traumas e ausências. É o caso dos pequenos objetos que aparecem na seguinte passagem:

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

o quarto não mudou, as luzes permaneciam iguais, os enfermeiros ocupavam-se dele no ritmo do costume com as palavras do costume e no entanto a impressão de se achar no centro do que não sabia o que era, brincava com os botões e os carrinhos de linhas da mãe, cada botão uma criatura viva e cada carrinho de linhas uma alma, quando a avó punha o dedal e trazia uma blusa para a lâmpada um sentimento de eternidade e uma doçura feliz. (ANTUNES, 2010, p. 85)

A mãe e a avó figuram nessa cena intimista de costura, mas parece mesmo que o centro deste quadro é o menino, Antoninho, e o pequeno universo que ele criou em torno de si e que não compartilha com mais ninguém. É ele que dá vida aqueles restos de costura da mãe. De maneira quase autoritária é ele que agrega significado aquilo que anteriormente não tinha (era apenas um resto de botões e linhas). Sobre o encantamento das crianças por esse mundo quase em construção, Benjamin nos diz:

É que as crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou na casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. (BENJAMIN, 2002, p. 103-104)

A criança tem o poder de construir um mundo que lhe é próprio. A partir das leituras de Freud (especialmente de seu livro *Além do princípio de prazer*) fica claro que este “ensaio” promovido através dos brinquedos é fundamental para constituir a formação da criança enquanto futuro adulto<sup>2</sup>. Antoninho pode mexer em seus brinquedos quase como marionetes,

---

<sup>2</sup> Referimos-nos aqui especificamente a cena em que Freud interpreta o comportamento de uma pequena criança ao brincar com seus objetos. O psicanalista ao analisar as atitudes desta criança afirma: “Não incomodava os pais à noite, obedecia conscientemente às ordens de não tocar em certas coisas,

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
 revistatravessias@gmail.com

inventando-lhes uma vida e um destino. Já o senhor Antunes não tem esse poder e está à mercê do que a vida prepara para ele.

Parece que o agarrar-se ao passado é a única coisa que faz o personagem-narrador se manter vivo. Decerto que há algumas ocasiões em que o passado também é visto como fonte de traumas (quando Antoninho, por exemplo, flagra o pai traindo a mãe com a empregada em meio a dispensa). Mas salvo uma ou outra circunstância, o passado é nostalgicamente convocado e o que se tem é uma imagem idealizada. Não é a toa que lemos a emblemática frase: “saudades e portanto vivo em qualquer lugar” (ANTUNES, 2010, p. 116).

A infância aparece muitas vezes no romance como uma válvula de escape, um lugar de calma onde a morte parece não conseguir vir assombrar o senhor Antunes. A morte, aliás, é um dos grandes temas de *Sóbolos rios que vão*. A cada página do livro ela está sendo direta ou indiretamente discutida. É o caso do seguinte fragmento:

de pescoço a transbordar da gravata e as narinas enormes, na Páscoa tombou sobre o prato, a meio do almoço, como uma peça de xadrez e o avô na varanda na sua redoma de silêncio, quando a mãe escreveu a notícia devolveu-lhe o papel que não leu, atravessou apenas, como fazia ao jornal, sem uma alteração, calado, tal como ele sem uma alteração, calado, quase à tona da água onde as luzes davam lugar a pessoas, ao erguerem o senhor Hélio da toalha a certeza que o fitava como fitava os degraus avaliando-os zangado e a mãe sem coragem de rasgar o papel por consideração pela morte, muitos anos depois descobriu-o numa gaveta, a lápis, em maiúsculas tortas, entre frasquinhos de verniz, luvas e um puxador antigo que não abria salas, abria mais vazio no vazio, como escrever a morte a não ser em maiúsculas tortas e a mãe cheia de morcegos na alma, quem insiste que os

---

ou de não entrar em determinados cômodos e, acima de tudo, nunca chorava quando sua mãe o deixava por algumas horas. (...) Esse bom menininho, contudo, tinha o hábito ocasional e perturbador de apanhar quaisquer objetos que pudesse agarrar e atirá-los longe para um canto, sob a cama, de maneira que procurar seus brinquedos e apanhá-los, quase sempre dava um bom trabalho. (...) Acabei por compreender que se tratava de um jogo e que o único uso que o menino fazia de seus brinquedos, era brincar de ‘ir embora’ com eles. (...) fica-se com a impressão de que a criança transformou sua experiência em jogo devido a outro motivo. No início, achava-se numa situação passiva, era dominada pela experiência; repetindo-a, porém, por mais desagradável que fosse, como jogo, assumia papel ativo.” (FREUD, 1976, p.26-27)

## TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

defuntos não vivem não conhece o mundo, o papel deve continuar entre as ruínas da casa (ANTUNES, 2010, p.100)

É curioso pensar na relação entre morte e escritura. Percebemos através da passagem selecionada que a mãe de Antoninho não consegue jogar fora o papel em que se anunciava a morte. O senhor Hélio morre, mas o papel não. Isto porque a escritura mantém a memória do acontecimento viva. Vale lembrar que no romance não só o passado do senhor Antunes é retratado. Nele le-se também trechos sobre o passado da avó, a ocasião em que os pais de Antoninho se conheceram, as conversas entre as amigas da mãe de Antoninho, etc. Só através da palavra escrita e da criação desse tempo sem tempo, é que se torna possível o encontro de tantos passados em um mesmo lugar. Em suma, em se tratando de *Sóbolos rios que vão*, pode-se dizer que escrever é a única maneira de não deixar morrer. É através do relato do senhor Antunes que vivem as pequenas narrativas do Virgílio, da dona Irene, da Lucrécia, da Maria Otília, dos avós, do pai, da mãe, do senhor Hélio, entre tantos outros personagens.



## TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, António Lobo. *Sóbolos rios que vão*. Lisboa: Dom Quixote, 2010.

ARNAULT, Ana Paula. *Sóbolos Rios que Vão de António Lobo Antunes: quando as semelhanças não podem ser coincidências*. Disponível em: [http://ala.t15.org/livros/25SR\\_arnaut.pdf](http://ala.t15.org/livros/25SR_arnaut.pdf) Acesso em: 25 mai. 2011.

BENJAMIN, Walter. “Escavando e recordando”. In: *Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas cidades, 2002.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.